

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

**A DIMENSÃO PEDAGÓGICA DA IDENTIDADE DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE:
INVESTIGANDO PROFESSORES DO PRIMEIRO CICLO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (1º AO
5º ANO)**

Sandra Inês Boller (PIC, Fundação Araucária)
Unespar/União da Vitória, boller1@hotmail.com
Eliane Paganini da Silva (Orientadora)
Unespar/ União da Vitória, elian_ps@hotmail.com

Palavras-chave: Profissionalização docente. Identidade do professor. Formação continuada.

INTRODUÇÃO

É possível perceber, por meio de depoimentos dos próprios professores do segundo ciclo do Ensino Fundamental (PAGANINI-DA-SILVA, 2006) as dificuldades no desempenho do seu trabalho. Esses dados nos fizeram refletir sobre a profissionalidade docente e sua relação com a prática pedagógica, justificando nosso interesse pela temática.

Sabemos que a melhoria da prática pedagógica depende dos saberes (TARDIF; RAYMOND, 2000) que esse profissional mobiliza para realizar o que realmente identifica o professor como tal (GAUTHIER, 1998; PIMENTA, 2002). Atualmente autores como Becker (1998), Demo (2009), Delval (2007), Nóvoa (2009) vem apontando a importância de o professor perceber claramente que o objetivo central do ensino deve ser a aprendizagem. Isto nos remete a seguinte problemática: A identidade do professor traz uma dimensão pouco explorada que é a pedagógica? E como esta dimensão se apresenta na profissionalização docente?

Podemos ainda eleger alguns questionamentos referente à pesquisa: Qual (ou quais) a(s) função (funções) pedagógica(s) é (são) atribuídas aos professores nos dias atuais? Qual o modo de se conceber ensino-aprendizagem? As concepções estão mesmo baseadas em modelos instrucionistas e/ou reprodutivista como parecem? Temos clareza da dimensão pedagógica na constituição da identidade docente?

É importante, no contexto atual, refletirmos sobre a importância das relações que envolvem o ser professor e se abrir novos caminhos para pensar o trabalho docente considerando as mudanças que este vem nos suscitando.

Temos visto autores que tratam da profissão docente como Pimenta (2002), Nóvoa (2009), Demo (2009), Zabalza e Zabalza (2012), e autores que tratam do desenvolvimento como Becker (1993, 2003, 2010) e Delval (2007) apontando a importância de redefinirmos a função da escola e por consequência das relações que envolvem o ensino-aprendizagem, o que para nós interfere diretamente no ser professor.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Vemos também trabalhos (SINGER, 2010), que nos mostram como iniciativas no sentido da escola adotar posturas mais abertas e democráticas vem apresentando bons resultados e como a relação do professor nessas iniciativas é algo diferente do que temos visto com frequência em nossas escolas.

Esses autores vêm indicando um rompimento com relação à reprodução dos saberes e do instrucionismo herdado desse positivismo, além disso, se percebe também que a sociedade e as novas gerações necessitam e vão demandar um novo professor, ou o que Demo (2009) chama de “professor do futuro”.

Tendo isto como pressuposto, nossa hipótese é que esse professor do futuro ainda está preso ao passado e não toma consciência deste fato. Ou seja, imaginamos que os professores acreditam que sua identidade profissional esteja atrelada apenas a função de transmissão de conhecimento dentro dessa concepção mais instrucionista de ensino-aprendizagem e que isto prejudica a identidade docente em sua dimensão pedagógica.

Acreditamos que os professores não estão tomando consciência de qual é a sua identidade profissional no que se refere à prática do ensino tendo em vista o panorama apresentado pela bibliografia educacional recente que nos mostra como é importante o professor considerar o ensino não apenas como o ato de transmitir conhecimentos, realizado de forma pura e simples, mas sim de levar em conta outras questões que envolvem o ensino como, por exemplo, a aprendizagem que se obtém deste procedimento.

Por isso, o objetivo desta pesquisa é investigar qual a concepção do professor do primeiro ciclo da Educação Básica (1º ao 5º ano) relativa à sua identidade profissional. E qual a função do professor em relação ao ensino-aprendizagem. O trabalho foi apoiado em literaturas referente à temática e nos conceitos da teoria piagetiana para o desenvolvimento humano e a construção do conhecimento que serão abordados no decorrer do texto.

A partir dos questionamentos citados acima iniciamos essa pesquisa partindo da visão sobre a nova sociedade que nos é apresentada bem como as mudanças que nela ocorrem e que interferem diretamente na prática docente.

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE: MUDANÇAS SOCIAIS, MUDANÇAS NA ESCOLA

A educação historicamente sempre esteve e continua atrelada à sociedade e as relações sociais que se estabelecem no interior da mesma. Émile Durkheim (2011) define a educação como uma instituição social e para tanto nos remete a analisarmos no decorrer da humanidade como foi constituída a relação entre educação e sociedade.

No início esta relação se dava como processos indissociáveis (educação em meio ao convívio familiar e social) e agora como organizações dissociadas (em instituições próprias que atendem as necessidades da sociedade em que se insere) a educação e a sociedade são auto-reguladas, sendo que uma determina ou influencia na constituição da outra.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Nesse sentido é que Delval (2007); Demo (2009) e Nóvoa (2009) vêm apontando como algumas mudanças sociais precisam ser encaradas para que a escola tenha a sua função especificada de forma clara e que seu desempenho seja satisfatório. É importante ressaltar que a escola “tem a função insubstituível de ser um lugar para aprender a pensar de uma maneira crítica, para refletir sobre os problemas sociais e para adquirir as normas que regem as relações com as pessoas”. (DELVAL, 2007, p.17). Este autor ressalta ainda que apesar disso atualmente a escola não vem realizando esta tarefa satisfatoriamente e que o que consegue realizar é apenas uma “transmissão muito pobre de conhecimentos e não faz feliz aos indivíduos que a frequentam” (DELVAL, 2007, p.18).

Isto fica claro inclusive no contexto brasileiro se tomarmos como base as avaliações externas realizadas pelo Ministério da Educação (MEC) que indicam um baixo rendimento dos alunos das escolas brasileiras.

Para Delval (2007), a escola, enquanto instituição, não aproveita o enorme potencial que as crianças possuem para aprender, assim como ele estas afirmações são recorrentes entre alguns autores como Becker (2010), Demo (2009).

Tais considerações são necessárias tendo em vista que historicamente como afirma Delval (2007) à instrução, o conhecimento e a felicidade da criança não eram o foco da ação educativa, mas sim a transmissão de valores, crenças e principalmente a formação de cidadãos que fossem “dóceis e obedientes”, ideário que foi amplamente propagado pela “Companhia de Jesus” liderada pelos jesuítas no século XVI.

Em termos conceituais tais ideias são consideradas ultrapassadas no século XVIII e “substituídas” em certa medida no início do século XX com o movimento da Escola Nova, onde se deu novas definições para as ações educativas. Entretanto, o que vemos quase um século depois é a reprodução pura e simples de modelos anteriores ao século XX, que desconsideram as descobertas e a ciência atual a respeito do campo educacional. Por isso, autores como Becker (2010), Delval (2007) e Demo (2009) concordam que a aprendizagem na relação ensino-aprendizagem é desconsiderada na perspectiva de construção de conhecimento e o ensino ocorre “de forma autoritária e os estudantes ficam em segundo plano, o que explica o escasso rendimento que os escolares têm em sua aprendizagem” (DELVAL, 2007, p.24). A escola vem perpetuando a importância da palavra e do texto escrito em detrimento das atividades práticas, herança esta segundo Delval (2007) da Grécia antiga.

Atualmente podemos destacar que a aprendizagem acontece também fora do contexto escolar e que outros ambientes devem ser considerados, visto que estes trarão modificações para o contexto escolar.

Delval (2007) aponta que desde o começo da vida dos adultos há uma influência da família, do grupo de iguais, dos adultos, da televisão e da religião na “formação de condutas relativas aos outros, as condutas morais e a aquisição das convenções sociais, que regulam as relações habituais com outras crianças e adultos” (DELVAL, 2007, p.25).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Esta tarefa socializadora ocorre em maior ou menor número e promove conhecimentos sobre perspectivas diferentes sobre o funcionamento da realidade. Entretanto, até mesmo a tarefa de ser uma instituição socializadora a escola esta tendo dificuldade de desempenhar, isto porque sua influência foi diminuída como transmissora de conhecimentos se considerarmos o contexto mais antigo, algo ressaltado por outros autores (ESTEVE, 1995; GIMENO SACRISTÁN, 2001; LOURENCETTI, 2004; NACARATO et al., 2000; NÓVOA, 2002, 2009), este contribui inclusive como um dos motivos pelos quais a educação e os professores vivem um contexto de crise (PAGANINI-DA-SILVA, 2006) veremos a seguir outros pontos que mostram mais profundamente as mudanças na sociedade que estão diretamente ligadas a esse contexto.

A FUNÇÃO DA ESCOLA FRENTE ÀS MUDANÇAS SOCIAIS NO NOVO MILÊNIO

Quando pensamos a respeito das mudanças sociais que se estabeleceram no último século podemos nos impressionar com algumas questões, especialmente as que envolvem as inovações tecnológicas, bem como as relações pessoais.

As mudanças relatadas pelos autores interferem, segundo Delval (2007), no campo educacional que, por sua vez, não passou por muitas mudanças. Para o autor “enquanto as formas de vida, de trabalho, de posse, as relações sociais e as expectativas de vida se modificaram muito, as formas de ensino mudaram menos” (DELVAL, 2007, p.37). E só quando tomarmos consciência de tais mudanças e lidarmos com as mesmas é que poderemos avançar no sentido de melhorar a educação escolar.

De acordo com Delval (2007), primeiramente surgem às sociedades de consumo e assiste-se a um êxito social vinculado estritamente ao êxito econômico o que faz o consumo ser um dos objetivos fundamentais da vida e a urbanização serem uma tendência contínua, além disso, houve mudanças profundas nas famílias e o poder econômico das empresas influencia a educação. Mudou também a situação das crianças e jovens com relação aos adultos e ainda a influência dos meios de comunicação e tecnologia na constituição e relação das crianças e adolescentes.

Algumas mudanças e transformações ocorreram no contexto social, tais como: Transformações no interior das famílias com a incorporação da mulher no mercado de trabalho, novas formações familiares, dentre outras; Mudança nas crianças diretamente relacionada à forte influência das mídias; As tensões durante a entrada na adolescência; A absorção de muitos conhecimentos embora fragmentados.

Considerando os meios de comunicação de massa temos o que se convencionou chamar de “sociedade do conhecimento”, termo utilizado também por Demo (2009) que veremos em seguida. Para Delval (2007, p. 27), “as funções que se atribuem à escola são múltiplas e transcende a simples transmissão do conhecimento”, visão esta também compartilhada por Demo (2009).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Para pensarmos em uma escola que leve em conta as mudanças sociais e as devidas interferências no campo escolar e na função da escola, Delval (2007) ressalta a importância de abandonar o tipo de escola que constrói uma criança passiva, que recebe e armazena os conhecimentos que outros produziram e passe a considerar outro tipo de escola que “considera que o conhecimento é um processo mais que um estado, e trata de iniciar as crianças nesse processo” (DELVAL, 2007, p. 57).

Entretanto para que a escola construa mais que alunos passivos é essencial pensar no professor que está diretamente ligado ao aluno e em sua formação frente às necessidades sociais atuais. O educador que está sendo formado hoje bem como o que já exerce a profissão precisam aprofundar seus conhecimentos a cerca da realidade de desafios que lhes é apresentada e que exigem do professor mais que a reprodução de conteúdos.

ANALISANDO OS DADOS COLETADOS

A pesquisa bibliográfica permitiu embasamento teórico para elaboração e aplicação da pesquisa de campo com enfoque no método clínico piagetiano, a segunda etapa do processo foi o agendamento e aplicação das entrevistas que contaram com a participação de dez professoras concursadas da rede municipal de União da Vitória –PR, de três escolas diferentes: Escola Municipal Professor Serapião, Escola Municipal Neusa Domit e Escola Municipal Professor José Moura. As professoras foram identificadas por letras em ordem alfabética com o intuito de preservar identidade das entrevistadas.

As falas apresentadas nas entrevistas foram classificadas em níveis de identidade de acordo com Paganini-da-Silva (2015), três níveis foram encontrados: I – Consciência elementar da relação pedagógica ensino-aprendizagem para a profissionalidade docente; II – Consciência incipiente da relação pedagógica ensino-aprendizagem para a profissionalidade docente; III – consciência refletida da relação pedagógica ensino-apredizagem para a profissionalidade docente.

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, campus de Marília/SP, em abril de 2014, sendo homologada em junho de 2014, com o Parecer do Projeto nº 0998/2014.

A primeira questão do instrumento de coleta de dados buscou definir o perfil geral das professoras entrevistadas, a idade dos entrevistados varia de 26 a 49 anos e o tempo de serviço de três a 28 anos. Durante a entrevista os participantes foram questionados ainda sobre a sua formação acadêmica, sendo que das professoras participantes da pesquisa sete são formadas em Pedagogia, duas em História e uma em Ciências biológicas.

Ainda quanto à formação dos professores 90% dos entrevistados possui pós-graduação, 10% possuem mais de uma especialização e 20% estão concluindo a segunda pós-graduação. Todos os cursos mencionados são relacionados à área da educação como mostra a tabela 1.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Tabela 1 –

Pós-graduação	
Categorias	Frequência
Psicopedagogia	2
Educação infantil	2
Educação especial	2
Neuropsicopedagogia	2
Bioengenharia	1
Séries iniciais	1
Não possui	1

Fonte bibliográfica: dados organizados pelo autor.

A partir desse panorama é fácil analisar que os professores vêm se atualizando constantemente, buscando ascensão na carreira e especialização profissional. Além das especializações cerca de 100% dos entrevistados relatou participar constantemente de cursos de formação continuada oferecidos pelo município, embora esse número caia para 50% dos participantes que buscam cursos em fontes particulares. Quanto à opinião dos participantes em relação aos cursos de formação continuada há algumas variações como aponta a tabela 2.

Tabela 2 -

Qual sua opinião sobre os cursos de formação continuada?	
Categorias	Frequência
Acrescenta no aprendizado	4
Repetitivos	2
Ajudam a colocar em prática a teoria	1
Ótimos	1
Válidos, mas falta prática	1
Conhecimentos fragmentados	1

Fonte bibliográfica: dados organizados pelo autor.

As respostas apresentadas mostram que os cursos de formação continuada ainda são vistos pelos professores de forma positiva, considerando que os mesmos acrescentam em seu aprendizado, embora algumas falas tenham atentado para a repetição e fragmentação dos conteúdos abordados como menciona a Professora “A”¹ *“Eles são bons, às vezes meio repetitivos mais alguma coisinha ou*

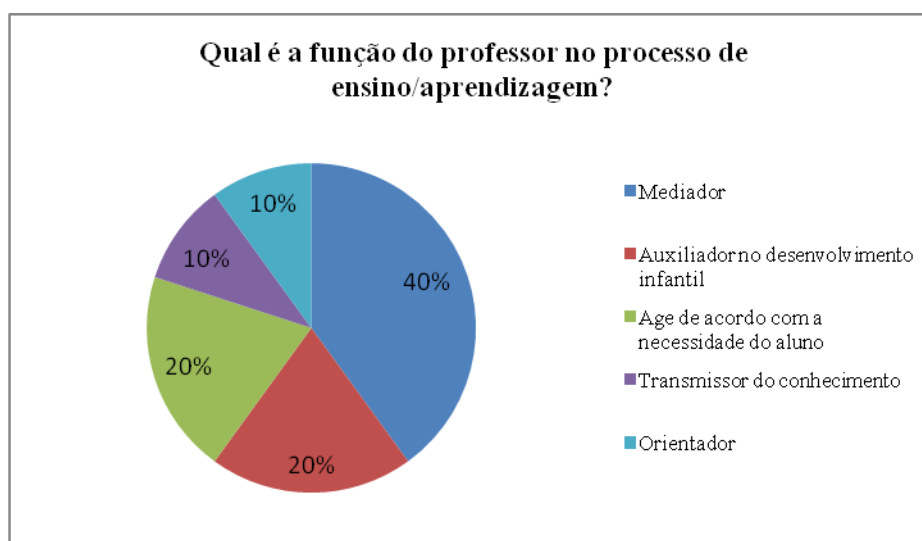
¹ Professora alfabetizadora do 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Serapião.

**II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.**

outra você sempre pega coisa nova assim, da pra absorver coisas novas mais geralmente são repetitivos.”

A partir das falas dos entrevistados foram possíveis os agrupamentos das perguntas em várias categorias, alguns professores tiveram suas respostas enquadradas em mais de uma categoria, ou seja, uma mesma pergunta pode ter gerado mais categorias que participantes. Como aponta Delval (2002), em relação às múltiplas funções do professor no processo de ensino/aprendizagem, em nossa pesquisa tais funções ficaram agrupadas em cinco categorias gerais que foram apontadas nas falas dos participantes, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 1-



Fonte bibliográfica: dados organizados pelo autor.

O professor ainda é visto pela maioria como mediador do conhecimento, embora as respostas variem em torno desse conceito, a Professora “B”² expõe a função do professor da seguinte maneira: *“Então o professor ele é o mediador e quem vai agir, interferir ali pra que aquela criança ela se desenvolva ela saia de um estágio né, e passe pra outro. Então a gente enquanto o professor não pode ficar só ali, vamos supor passar uma, uma atividade ficar sentada ali na mesa e deixar as crianças por conta, então você vai acompanhar um por um, como que tá fazendo, como está pensando né, então esse interagir na sala tem que ser o tempo todo eu entendo assim.”* Fica claro que a professora têm uma preocupação com o processo de ensino-aprendizagem, em como ele irá ocorrer e compreende que o professor é ativo dentro do processo.

Delval (2002, p.217) vêm de encontro com a fala da professora, mencionando que:

“[...] o professor não possa transmitir diretamente aos seus alunos nem seus conhecimentos nem suas formas de conduta, sua função é, entretanto, essencial para que o conhecimento se produza. O professor não pode ensinar diretamente porque é

² Professora do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Neusa Domit.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

o aluno que deve formar seus próprios conhecimentos, gerando as representações adequadas à situação e resolvendo os problemas que se apresentam.”

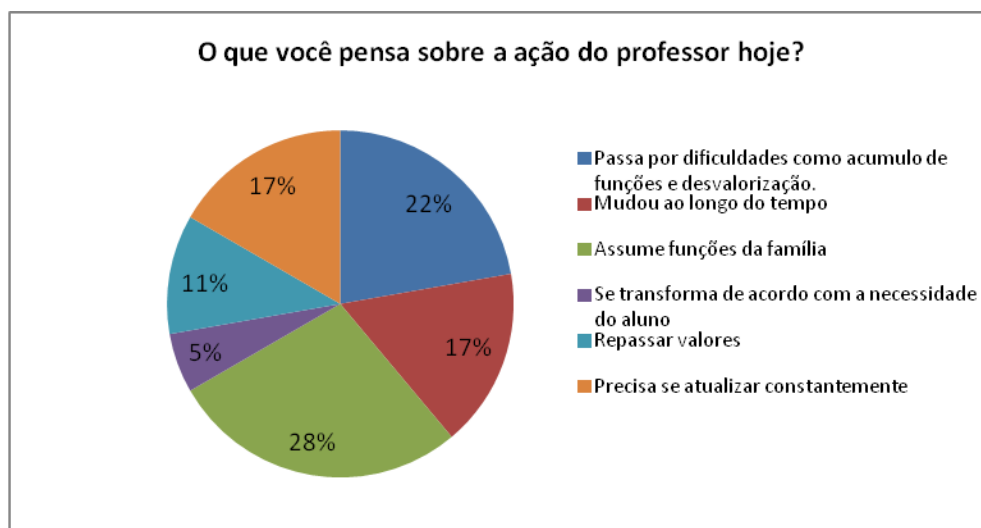
Diante do exposto é possível analisar que embora o professor tenha consciência de que faz parte do processo de ensino/aprendizagem ainda não compreende que sua função em sala de aula está além da transmissão de conteúdos, mesmo porque o aprendizado evolui a partir das interações com o meio, com os colegas, amigos mais velhos ou mais novos, professores, pais, enfim o convívio social enriquece os momentos de aprendizado.

Entendemos por tanto que a função docente deve ser repensada considerando o contexto histórico-social contemporâneo (DEMO, 2009; DELVAL, 2009; BECKER, 2010). Pois as mudanças existem e ocorrem em ritmo acelerado aumentando significativamente os desafios que cercam o educador contemporâneo.

Embora essas mudanças venham para impulsionar o avanço de todos os campos da sociedade, muitas delas acabam estimulando o abarcamento de funções para escola e em consequência para os professores, mas “Não podendo a escola resolver tudo, deve resolver o que lhe cabe” (DEMO, 2004, p.80). Apesar da escola acabar tomando algumas funções para si, ela não pode assumir tudo sozinha correndo o risco de tornar-se a extensão do lar como era vista anteriormente, retrocedendo sua função social atual: passar conhecimentos de diversas áreas na intenção de formar cidadãos completos, críticos e atuantes.

É a partir da ideologia de escola como extensão do lar marcada e impregnada na sociedade que os professores apresentaram respostas que aponta o quanto isso influencia no pensamento do professor em relação a sua ação pedagógica. Quando questionados sobre o tema 22% dos professores apontaram o acúmulo de funções e 28% expressaram que assumem funções da família em prática. O gráfico a seguir ilustra a opinião geral dos entrevistados:

Gráfico 2 –



Fonte bibliográfica: dados organizados pelo autor.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Assim como explica a Professora “C”³ *“É uma profissão que ta passando por momentos de bastante dificuldade e percalços, né por que a sociedade ta bem desestruturada, né, os professores estão sendo muito desvalorizado, tá tendo pouco respeito por parte da família dos alunos, então assim, ta sendo uma questão assim complicada pro professor poder lidar com tudo que ta sendo imposto pra ele pela sociedade.”* A partir da fala da professora é perceptível a dificuldade em lecionar que o docente enfrenta em sua jornada pedagógica todos os dias.

Tudo isso torna inquestionável uma forma de ver a instituição educativa, as novas funções do professor, uma nova cultura profissional e uma mudança nos posicionamentos de todos os que trabalham na educação e, é claro, uma maior participação social do docente. (IMBERNÓN, 2004, p.09).

É preciso estimular as instituições educacionais bem como seu corpo docente com o intuito de fortalecer sua autonomia para tomada de decisões, tornando possível sua emancipação de um sistema regrado, centrado na formação da massa e despreocupado com a qualidade do ensino ou com o sujeito que está sendo ensinado “[...] esta nova forma de educar requerem uma nova redefinição importante da profissão docente [...]. Em outras palavras, a nova era requer um profissional diferente.” (IMBERNÓN, 2004, p.12).

Essa busca pela redefinição, ou, definição da identidade do professor vem de encontro com o resultado geral da pesquisa, a última pergunta realizada, onde os professores foram questionados a cerca da sua identidade profissional, foi narrada à seguinte história “Eu soube por depoimentos de professores que muitas vezes em algumas escolas, quando faltam professores de uma determinada disciplina ou quando falta merendeira ou faxineira, os professores são realocados para algumas funções como distribuir a merenda, varrer uma sala, assumir uma ou outra disciplina que não é respectiva a sua formação, dentro desse contexto o que você pensa sobre essa situação?” para que os entrevistados a contextualizassem.

Em todas as entrevistas os professores aceitavam a realocação para outra função, entretanto todos os professores também expressaram que fariam outras atividades inerentes a sua função em prol do funcionamento da escola, porém sem que essa situação aconteça corriqueiramente, como mostra a fala da Professora “D”⁴ *“Eu acho que na escola tem que ter uma união né, a gente ta aqui como se família a gente ta aqui pra somar, às vezes não me custa varrer uma sala às vezes né, às vezes a minha colega que é servente esta doente, eu acho que assim não vai me tira um pedaço de eu varrer a sala no final da aula, ou ajudar que os alunos mantenham limpa pra que não precisar né, eu acho que se ajudar as vezes é muito importante, lógico toda hora é complicado as vezes você tem que cobrir uma determinada turma né.”*

³ Professora do 4º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor José Moura.

⁴ Professora do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Professor Serapião.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

É preciso analisar o maior número de informações com cuidado para que não se perca a essência das respostas extraíndo os elementos gerais para resposta a questão posta ao indivíduo. As respostas podem sofrer alterações ainda de acordo com a idade do sujeito pesquisado, classe social e até o meio o qual está inserido.

As categorias de análises aparecem de acordo com os conteúdos trabalhados na entrevista, a partir disso serão elencados temas gerais, nos quais as respostas serão distribuídas em ordem com o que mais seja adequado. Podem surgir inúmeras categorias de acordo com o tema trabalhado no estudo, ao invés de estar atento ao que lhes diferem é preciso estabelecer relações entre as respostas.

Para Piaget precisam ser levados em consideração dois aspectos: a gênese e a estrutura:

A gênese nos ensina como se chegou a formar uma concepção e como evoluiu, enquanto a estrutura se refere à coerência interna das explicações e às modificações que os elementos dessa estrutura experimentam quando e inserem nela, um fenômeno que tem a ver com a ideia de equilíbrio [...]. (DELVAL, 2002, p. 221 e 222)

O sujeito vive em equilíbrio e desequilíbrio, a cada nova informação que transforma uma já existente no cérebro humano chama-se de desequilíbrio, o indivíduo trabalha isso na intenção de voltar ao equilíbrio, sendo assim, o conhecimento vai agregando informações ao cérebro e, este por sua vez, trabalha para adaptar-se a cada aprendizagem. Esse processo de desequilíbrio e equilíbrio acompanha o sujeito de acordo com a fase de sua vida ou *estágios*, como menciona Delval (2002, p.220): “É por isso que na psicologia costuma-se introduzir estágios, etapas ou níveis, para descrever os aspectos mais importantes dos progressos que os sujeitos realizam.”

O progresso do pensamento humano ocorre em diversas áreas, inclusive na tentativa de explicar a sociedade, progredindo suas respostas frente aos problemas que lhe são apresentados. Portanto, o sujeito evolui em seus estágios na busca de conceituar a realidade, ou seja, cada estágio é uma forma de explanar o mundo que o cerca. Entretanto pode-se dizer que estes estágios são encontrados quando aplicados a uma pesquisa que já foi aplicado, e não afirmar de maneira geral que isso ocorre em todos os aspectos sem restrições, é preciso cuidado ao generalizar.

O estágio de desenvolvimento acontece de maneira contínua, construímos e evoluímos nos estágios a vida toda, isso ocorre através da interação com o meio. Ao passarmos de um estágio para outro é preciso formar novas estruturas mentais que permitam ao sujeito alcançar o estágio subsequente, isso independe da idade do sujeito, mas depende sim do meio em que está inserido e de suas particularidades, de suas características biológicas e dos seus mecanismos hereditários.

Para os adultos mais do que identificar ou perceber os estágios do desenvolvimento, ou pensamento é interessante compreender suas concepções aproximando seus conhecimentos referente a determinado assunto, no sentido de diagnosticar o pensamento do indivíduo. Mas é fato que as estruturas mentais acerca de uma determinada temática também se encontram em constante movimento, por isso os processos de assimilação, acomodação e equilíbrio são igualmente importantes em qualquer idade.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

A partir da análise da história mencionada acima, tecemos as considerações finais no sentido de que os professores não tomam consciência (no sentido piagetiano) com relação à sua função, o que prejudica sua identidade profissional, porém nos parece haver de forma geral uma consciência incipiente acerca da temática tratada, já que dos dez (10) entrevistados nove (09) se encontram no nível II.

O professor está amadurecendo quanto ao pensamento e questionamento sobre a realização das funções que realmente lhe cabe, embora ainda acabe cedendo às necessidades emergenciais da escola, o que mostra a fragilidade na estrutura do ensino nas escolas no município e no país como um todo.

OS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DOCENTE PARA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Há muitos desafios que cercam o educador contemporâneo, são perceptíveis transformações que ocorrem em ritmo acelerado na sociedade do século XXI, transformações estas que refletem nas novas gerações que ela produz. O mundo que nos é apresentado hoje muda a cada instante e os alunos que pretendemos ensinar seguem esse mesmo compasso.

É uma geração sedenta por informações e estímulos rápidos, portanto o professor precisa ser mais que mero reprodutor ou mediador de conhecimento, repassar conteúdos que atualmente possam aproximar-se ao arcaísmo. Faz-se urgente além do aprimoramento do professor a reformulação de todo o sistema educacional, vislumbrando um ensino realmente unificado e coerente à realidade e necessidades dos alunos e da sociedade em que vivem.

Embora essas mudanças venham para impulsionar o avanço de todos os campos da sociedade muitas delas acabam estimulando o abarcamento de funções para escola, “Não podendo a escola resolver tudo, deve resolver o que lhe cabe” (DEMO, 2004, p.80). Apesar de a escola acabar tomando algumas funções para si, ela não pode assumir tudo sozinha correndo o risco de tornar-se a extensão do lar como era vista anteriormente, retrocedendo sua função social atual: passar conhecimentos de diversas áreas na intenção de formar cidadãos completos, críticos e atuantes.

Agora é o momento de desafiar o pensamento de nossos alunos, de mudar o foco, se fora da escola eles possuem inúmeros estímulos tecnológicos cabe ao professor utilizar dessas ferramentas para que esse aluno pense e reflita, atue como ser pensante que é, deixando de lado essas respostas prontas que o mundo tecnológico lhe traz, Imbernón (2004, p.8) defende que a escola:

Deve ensinar, por exemplo, a complexidade de ser cidadão e as diversas instâncias em que se materializa: democrática, social, solidária, igualitária, intelectual e ambiental. E deve fazê-lo mesmo se, em alguns lugares, estiver rodeada por uma grande “neomiséria” ou pobreza endêmica [...].

Assim como ocorrem constantes transformações na sociedade que perpassam pela tecnologia, pelas novas formações de família, enfim por caminhos diversos, situações concretas que influem

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

diretamente na maneira de trabalhar do educador e da escola com esses alunos, cabem então a esses organismos que compõem o ensino acompanhar tais avanços.

Para isso é preciso evoluir o ensino para um patamar além da chamada “Educação Básica”, o básico deve dar espaço ao complexo, ao instigante, a reflexão e isso é possível, desde que todos assumam e cumpram seus papéis, desde o Estado até o aluno, todos os envolvidos no processo educativo.

A escola em contexto amplo precisa de instâncias maiores para contribuir com caráter efetivo para formação do cidadão. Resta saber quais caminhos seguir para alcançar tal evolução, embora pareça muito claro que é necessária a reformulação do ensino, desde sua base, em busca da criação de um sistema de ensino real, de qualidade e eficaz quanto aos objetivos de formação social democrática com sujeitos atuantes.

Tudo isso torna inquestionável uma forma de ver a instituição educativa, as novas funções do professor, uma nova cultura profissional e uma mudança nos posicionamentos de todos os que trabalham na educação e, é claro, uma maior participação social do docente (IMBERNÓN, 2004, p.09).

É preciso estimular as instituições educacionais bem como seu corpo docente com o intuito de fortalecer sua autonomia para tomada de decisões, tornando possível sua emancipação de um sistema regrado, centrado na formação da população para o trabalho e despreocupado com a qualidade do ensino ou com o sujeito que está sendo ensinado “[...] esta nova forma de educar requerem uma nova redefinição importante da profissão docente [...]. Em outras palavras, a nova era requer um profissional diferente.” (IMBERNÓN, 2004, p.12).

Ainda que se assuma a relevância que as competências exigidas pela educação tradicional, por conta do educador como conhecimento dos conteúdos formais e autonomia na tomada de decisões diante dos desafios advindos da prática pedagógica, apenas isso hoje já não é suficiente para garantir o êxito profissional.

Ao analisar o contexto educativo observa-se que o ensino e o conhecimento são mutáveis e estão em processos contínuos de desenvolvimento, percebe-se também que ensinar depende além de reconhecer essas características necessita-se compreender como se dará o processo de trabalho com os sujeitos aprendentes diante dos avanços da sociedade, Imbernón (2004, p.18) pensa que:

A formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação, reflexão e formação para que as pessoas aprendam e se adaptem para poder conviver com a mudança e com a incerteza.

As incertezas sociais decorrem de diferentes contextos, por tanto o professor ao desenvolver seu trabalho deve observar seus alunos, pois estes estão inseridos em diferentes grupos sociais (a escola é um deles), mas para, além disso, eles pertencem a uma comunidade que em conjunto com

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

outras formam a sociedade, a partir dessa visão o educador precisa mudar e evoluir sua prática constantemente.

O processo de formação deve dotar os professores de conhecimentos, habilidades e atitudes para desenvolver profissionais reflexivos ou investigadores. Nessa linha, o eixo fundamental do currículo de formação do professor é o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre a própria prática docente, com o objetivo de aprender a interpretar, compreender e refletir sobre a realidade social e a docência. (IMBERNÓN, 2004, p.39).

Observando com atenção o professor podemos dizer que ele é sem dúvida um ser social que age sobre os sujeitos a partir de seus ensinamentos e que características como: autonomia, criticidade e reflexão são algumas das qualidades que o educador precisa para ser perfilhado como profissional.

Ao reconhecer que a sociedade está em constante evolução, é imprescindível pensar na reconstrução e organização ininterrupta da prática pedagógica, os cursos de graduação contribuem de maneira inicial para formação de professores críticos que compreendam a importância social de sua prática. Para que possam a partir do aprimoramento profissional com a formação continuada contribuir para emancipação de seus alunos, pois “[...] a educação seria o grande fator de humanização, já que ela prepararia os indivíduos pra participar da reestruturação da própria civilização tendo em vista o desenvolvimento de toda a humanidade.” (LIBÂNEO, 2010, p.159).

Quanto aos profissionais em exercício a reconstrução organizada da prática pedagógica pode ocorrer de maneira produtiva partindo do trabalho em conjunto, pois “A competência profissional, necessária em todo processo educativo [...] se estabelece entre os próprios professores interagindo na prática de sua profissão.” (IMBERNÓN, 2004, p.32).

Imbernón (2004) destaca que esse processo é dinâmico, e que necessita de sistemas organizados de trabalho desenvolvidos pensando nos professores como uma unidade, um conjunto que trabalha em prol de um objetivo em comum: ensinar.

O perfil do professor na atualidade precisa evoluir e ir para além da ideia de mediador do conhecimento, para isso o profissional deve ser estimulado a acompanhar os avanços sociais, isso implica desenvolver no educador uma nova identidade profissional, onde o conhecimento esteja em permanente aprimoramento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se ao longo da pesquisa que as mudanças sociais e a maneira tal qual se estrutura a sociedade interfere diretamente na instituição escolar e conseqüentemente no processo de ensino e aprendizagem. Atualmente podemos analisar que as ações educacionais são voltadas para uma ideologia na qual coloca a escola como instituição social que prima formar cidadãos críticos, reflexivos e atuantes, embora na aplicabilidade saibamos que muito rapidamente consegue-se apenas o repasse de conteúdos fragmentados e distribuídos em disciplinas.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Dentro desse contexto o professor é o profissional que está diretamente ligado aos alunos, ou seja, o educador precisa estar preparado pedagogicamente para lidar com os desafios que lhe são apresentados a partir das novas necessidades que a sociedade contemporânea traz.

No entanto é exigido do docente e da escola muito além do ato de ensinar e, isso vem prejudicando o processo de ensino/aprendizagem, e não apenas isso, mas o professor como profissional passa a se ver/ser visto de outro aspecto que em suma deturpa sua função.

Diante dessa situação observou-se no decorrer da pesquisa de campo que os professores ainda não tomaram consciência (no sentido piagetiano) com relação à sua função, o que prejudica sua identidade profissional, porém nos parece haver de forma geral uma consciência incipiente acerca da temática tratada, já que dos dez (10) entrevistados nove (09) se encontram no nível II, onde o professor começa a pensar sobre sua função, ponto extremamente positivo, pois demonstra que o professor está amadurecendo seu pensamento quanto a sua identidade profissional.

É urgente a redefinição do papel social do professor, apontando então o desempenho das funções essenciais com relação a sua prática profissional, compreendendo que tais funções precisam ser repensadas considerando o contexto histórico-social que está inserido.

Em linhas gerais pode-se concluir que o perfil do educador na atualidade transcende a ideia de mediador do conhecimento, portanto, o professor deve acompanhar os progressos sociais, desenvolvendo em si uma nova identidade profissional.

Levando-se em consideração esses aspectos o conhecimento do educador precisa estar em constantemente aperfeiçoamento, afinal sem a busca pelo aprimoramento profissional sua prática ficará resumida a reprodução automática de conteúdos aleatórios e desconexos, tornando sua prática obsoleta em relação à nova demanda educacional que a sociedade carece.

REFERÊNCIAS

BECKER, F. **A epistemologia do professor: o cotidiano da escola.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

_____. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **O caminho da aprendizagem em Jean Piaget e Paulo Freire: da ação à operação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto: Porto Editora, 1994.

DELVAL, J. O método clínico de Piaget. In: Delval, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento das crianças.** Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 53-78.

_____. **A escola possível: democracia, participação e autonomia.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação.** 13 Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

DEMO, P. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. Tradução: Stephania Matousek. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ESTEVE, J. H. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.) **Profissão professor**. 2 ed. Porto: Porto Editora, 1995, p. 95-124.

GAUTHIER, C. et. al. **Por uma teoria da Pedagogia**: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente. Ijuí: Ed. Unijuí, 1998.

GIMENO SACRISTÁN, J. **A educação obrigatória**: seu sentido educativo e social. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 4 ed. São Paulo, Cortez, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e pedagogos, pra quê?** São Paulo, Cortez, 2010.

LOURENCETTI, G. C. **Mudanças sociais e reformas educacionais**: repercussões no trabalho docente. 2004. 160 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

NACARATO, et al. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível... abrindo as cortinas. In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D.; PEREIRA, E. M. de A. (Org.). **Cartografias do trabalho docente**: professor (a)-pesquisador(a). Campinas: Mercado das Letras, 2000.

NÓVOA, A. Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente. In: **Teoria & Educação**, n.º 4, Porto Alegre, 1991, p.109 - 139.

PAGANINI-DA-SILVA, E. **A profissionalização docente: identidade e crise**. 2006. 221f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade estadual Paulista. Araraquara, São Paulo.

PARO, V. H. **Gestão Democrática da escola pública**. 3 ed. São Paulo, Ática. 2000.

PIAGET, J. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense, 1973.

PIMENTA, S. G. **De professores, pesquisa e didática**. 2002.

SANTOS FILHO, J. C. dos; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional: quantidade-qualidade**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 111p.

SINGER, H. **República de crianças**: sobre experiências de resistência. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, v. 21, n.73. Campinas, dez. 2000.

ZABALZA, M.; ZABALZA, M. A. **Professores y profesión docente**: Entre El “ser” y El “estar”. Madrid, Espanha: Narcea, S.A. de ediciones, 2012.